

ALMA NACIONAL

Publica-se ás quintas feiras

Director: **António José d'Almeida**

Redacção e administração: Rua da Emenda, 36, rez do chão
Editor e proprietário: António José d'Almeida

Composto e Impresso na typ. "A Editora"
Largo do Conde Barão, 50 —Lisboa

ALMA NACIONAL

Os portuguezes são naturalmente soffredores e pacientes: muito arrojada ha-de ser a corda com que de mãos e pés os atam os seus oppressores antes que rompam em um só gemido os desgraçados. Um murmurio, uma queixa... nem talvez no cadafalso a soltarão !

GARRETT. (*Carta de M. Scevola*,

E certo. Os portuguezes são assim, como diz Garrett: soffredores, pacientes, resignados. Mas, no meio da tragica resignação do seu suffer, é visível a indomita rebeldia do seu character. São morosos na insurreição, mas, no momento supremo, quando a medida se enche, não ha dique que se opponha ao extravasar da sua colera.

Edgar Quinet percebeu, num relance de genio, essa fibra tenaz que vibra como uma corda de bronze na nossa alma.

Mais precisos, mais justos, mais eloquentes do que as palavras de Garrett são os traços revoltados com que o grande artista António Augusto Gonçalves illustrou a capa d'este jornal.

N'aquelles braços musculosos, jungidos

por uma cadeia, ha toda a verdade de quem é tenaz para soffrer e o é também para se revoltar.

A alma nacional materialisada, em carne e osso, está alli naquelle torso indomavel, naquelles braços distendidos por um impeto secular, naquelles pulsos arrochados pela algema, como dizia Garrett, mas que uma persistência invencível cada vez accumula mais de força e de furor para poderem rebentar as argolas que os prendem.

Esse desenho parece uma pagina de Steinlen. Das suas linhas se evoca toda a amargura de uma raça vencida e se apprehende, na sua palpitação sagrada, a ancia de resgate e libertação que, nesta hora derradeira, é a esperanza final da nossa vida.

Todo o pavoroso duello do regimen e da Nação está alli: de um lado a corrente que a oppressão lentamente forjou em seculos de tyrannia cobarde, do outro os braços ainda bellos e potentes da Patria, — os mesmos que, no dizer do chronista, enlearam montanhas de cordame no tombadilho das naus, — retesos e crispados no tentamen de partir a prisão.

Só falta uma coisa que o desenho não pôde reproduzir: o grito lancinante, estrangulado, que se solta de todas as gargantas em rebelião, animando a victima para que não succumba á tortura do seu verdugo, para que empregue um ultimo esforço que lhe transforme os pulsos de escravo em braços de cidadão liberto.

Ah! É bem assim a alma nacional que em tão lugubre desventura cahiu após a sua bebedeira de gloria; a mesma alma tenaz, amorosa e sentimental que tamanhos clarões desferiu pela intelligencia, e tamanha eloquencia esthetica produziu pela arte; a mesma alma contemplativa, mas intrepida pelo amor e pela bravura, que Lisia, a virgem viuva de Viriato, evoca ao assentar o doloroso olhar sobre a folha rutila da espada do heroe assassinado, prophetisando-lhe tudo: — a creação dolorosa da Pátria á volta dos primeiros cerros, na vagabundagem das hordas; a divinisação de deusa familiar no peito de Nun'alvares; a aventura maritima das naus, que sahiram com canticos espirituaes e heroicos na amurada, para voltarem commercializadas na pimenta e no cravo dos seus porões; a restauração; o voo pombalino; 1820; 31 de Janeiro e esse fadario errante e vagabundo em que ella anda agora, correndo montes e valles, á espera da encarnação revolucionaria que lhe vase, num molde historico, a essencia eterna, immortal.

Sim, amigos, camaradas, combatentes d'esta agitada hora de revolta, é esta a alma nacional.

Ella não é o espirito theologico, atirado do infinito, na capsula de um dogma, pelo pulso de um Deus terrorista.

É uma coisa mais natural, mais alta e mais sagrada. É a força, o movimento, toda a somma de ancestraes energias que veem de longe e já caracterisavam os con-

fins da nossa raça de que Virgílio disse *assuetum maio ligurem*.

Por isso este jornal se chama assim.

Elle vae ser, por intermédio dos homens illustres que o hão de collaborar, um dos legítimos representantes do espirito nacional.

Orgão de um patriota, o seu titulo é expressivo. Orgão de um homem de idéas avançadas, o titulo não é descabido, porque amar a nação não significa egoismo junto dos povos alheios. Pelo contrario, a alma nacional portugueza foi sempre internacionalista, como o mostrou na sua aventura sobre os mares, abrindo caminho para a civilisação dos outros e, mais tarde, assimilando, sem reserva, o espirito de progresso que dos outros povos lhe veio.

De resto as edicções internacionaes, que a *Alma Nacional* vae dar, são ainda uma aspiração para a diffusão do seu sentimento patriotico no sentimento geral da humanidade.

O que a *Alma Nacional* sobretudo vae ser é um jornal humano. De orientação revolucionaria, revolução para ella não quer dizer morticínio, destruição. A vida do homem é uma coisa sagrada que só em combate leal, e ainda assim bem lamentavelmente, pelo atrazo em que nos achamos, se pôde tirar. Arrancal-a á victima domada e vencida é crime ou allucinação. E a revolução, necessidade dolorosa da epocha retardada em que vamos, só é respeitável se for clemente.

Qual o programma da *Alma Nacional*? Elle resaltarás das paginas que ora se iniciam. De que maneira vae ella combater? Não sei. Instrumento de propaganda e arma

de guerra nas mãos de um rebelde, nem eu posso dizer o que ella fará, nem eu calculo o que ella será.

Os acontecimentos o dirão. E elles estão tão varios e incertos que o dia de amanhã é um mysterio e a hora de logo já duvidosa.

Hoje escrevo de cima de quatro tabuas de pinho numa sala que pomposamente se intitula redacção. Amanhã,—quem sabe? — terei de escrever do carcere ou do exilio, porque, por mais que nos chamem pedantes, quando fallamos na cadeia que nos espera, é certo que não ha homem revoltado em Portugal que, a estas horas, não traga iminente sobre a espadua uma mão de policia. E se não fossem os vidros foscos, pelas janellas baixas d'este rez do chão, a policia secreta, que me espiona, poderia lêr, antes dos meus leitores, as palavras com que estou enchendo o papel.

Viverá este jornal muito ou pouco? Não sei também, nem isso me preocupa, certo como estou de que elle, desaparecendo inesperadamente da vida, não ficará a dever nada a ninguém.

Se fôr preciso, serei eu, até, o primeiro a sacrificar-o, para me dedicar a outra tarefa, para me lançar noutra faina. A questão está em eu perceber que elle não preenche a missão a que foi destinado.

Na vida dos homens que luctam com sinceridade e com fé, não ha desgostos, nem canções, nem desenganos, nem desilusões. E, na minha vida modesta de batalhador, essa qualidade nitida resalta da uniforme e banal apparencia:—a qualidade de saber recommear.

Dir-se-ha que o lançamento d'esta gazeta é uma aventura romântica.

Seja.

Que diabo! nós, filhos dos marinheiros que lavraram os mares desconhecidos com a proa das naus tão serenamente como se mettessem a relha do arado na crosta da terra firme, temos direito a ensaiar aventuras... de navegação costeira ao menos.

Porisso eu me metto neste velleiro, que se perde, como um ponto microscópico, ao pé dos grandes couraçados da imprensa que atrôam os ares com o fragor das suas engrenagens.

Felizmente que não saio como as naus antigas da *Praia das Lagrymas*, nem tenho o velho do Restello a amaldiçoar-me, agoirando-me um destino funesto. Também a minha missão é bem mais modesta. Não vou descobrir novas terras como essas em que o *sol se alevanta*. Vou simplesmente combater o regimen.

Emquanto tiver agua para navegar, isto é, publico que me leia, e guarnição que me acompanhe, isto é, collaboradores que me ajudem, o meu fogo será vivo e sem descanso.

Se faltar a agua, encalho e recomeço o combate em terra firme; se faltar a guarnição, queimo o ultimo cartucho e metto o barco no fundo, alcançando a costa a nado. Porque, amigos, a consciência ainda é uma grande bóia para a gente se não afogar...

ANTONIO JOSÉ ÛE ALMEIDA.



No Sacré-Coeur de Paris em 1888

A Grande Opera custou 25 milhões. O Sacré-Coeur custará 30. Fui lá. E' no alto de Montmartre, dominando Paris. Topografia simbolica, desafio abrupto da igreja negra á revolução vermelha. D'aquella altura a cidade fabulosa dir-se-hia o plano geográfico, a maquete efémera d'uma Babilónia colossal. A cúpula d'oiro dos Inválidos lembra pela forma e pelas dimensões um capacete persa flamejante, e os dois braços amputados das duas torres de Notre-Dame tem dez metros d'altura, quando muito. Do estrondoso e estonteador *brouhaha* da vida de Paris não chega áquella iminencia religiosa mais do que um largo murmúrio evaporado, como que o halito longínquo, a ressonancia extincta d'alguma forja de ciclopes.

O templo, monstruoso, é de architectura bisantina. O gótico fugitivo, esvelto e rendilhado, principiando n'um soluço, erguendo-se n'um ai, e terminando, exanime, n'um grito de flecha agudo e lancinante, era pouco solido.

Na cathedral quasi que ha mais alma do que marmore. Mesmo de granito, chega a ser incorporea. As suas columnas, d'uma tenuidade vertiginosa, sobem instantaneas, como o raio desce. São, por assim dizer, jactos de fé petrificados, troncos rectilineos de palmeiras misticas, que se embebem sofregamente pelo azul, expluindo lá cima n'uma girandola de nervuras, n'uma ramaría concava d'abobadas. A imponderabilidade extatica e descarnada ergue-a da terra, mina-lhe o alicerce. É bella, é sublime, mas frágil. Um sopra a leva.

O Sacré-Coeur é, como devia ser, uma fortaleza bizantina. Levantada provocadamente no alto de Paris, tem a defender-

se de Paris. Os muros são d'uma espessura indestructivel de monumento egipcio. Dir-se-hia que os alicerces vão ao centro do globo. Não sei porque, nos subterraneos profundos adivinham-se cisternas de agua benta. Para os hyssopes? Não; para as lavaredas do petróleo. Sente-se que o templo, como os cofres fortes, é construído á prova de bala, á prova de fogo. A gente pergunta a si mesmo quem irá ali viver: se um Deos, se um Czar, se um banqueiro. Por fóra um carcere. Por dentro um sepulcro. Ha n'aquella architectura o quer que seja de engenharia militar. É um reducto de dogmas. O morto que hade habital-o tem medo aos vivos que o rodeiam.

Não está concluído. Falta-lhe o tecto por emquanto. A macissa obesidade inabalavel dos enormes pilares ascende vagarosamente, mastodonticamente, á força de monolitos, á custa de toneladas. Que diferença do templo gótico, por cujas agulhas, incisivas e aéreas, a alma desaparece, evadindo-se, como um fluido eléctrico. Chega-se a procurar lá no alto, no topo das torres, no ápice das flechas, crepitementos d'estrellas, santelmos d'orações. ..

Cada um d'aquelles titânicos pilares do Sacré-Coeur é uma besta de carga gigantesca á espera do fardo, isto é da abobada. Conservam-se ali, imóveis e solenes, por obrigação e por contracto.

Fui lá, era em junho, n'um domingo esplendido. A luz um sorriso, o azul uma benção. Havia n'esse dia uma romagem. Cinco a seis mil devotos pelo menos. Encorporei-me no prestito, que, antes d'entrar, deu uma volta á igreja imensa, entoando n'um coro, melancolicamente for-

midavel, uma espécie de marseleza do amor divino, um cantico abrasador de esperança e de piedade, em que havia ao mesmo tempo rugidos indomitos d'oceano, reboadas de angustia, trinos de inocencia, ais de viuvez.

Primeiro desfilaram os homens, graves, modestos, respeitáveis, com aquelle ar de nobreza fisionomica de quem possui uma crença, uma luz interior, uma alma simples.

Depois as mulheres, esposas e mães, que vinham ali acrisolar a sua fé, balsamo unico para as luctas da vida, para as amarguras do destino.

Depois, como aleas ridentes de amendoeiras em flor, centenas de virgens virginaes, o labio puro, a fronte candida, o olhar transparente, todas envoltas da cabeça aos pés em nuvens aereas de musselina, d'uma graça intacta, d'uma alvura de pombas. Dir-se-hiam corpos de assucenas vestidos em tunicas de luar.

Por ultimo a infância, pequerruchos de 4 a 8 annos, botões de rosa, embriões d'almas, a passinhos miudos, n'um encanto de gloria, n'um extase de sonho.

E as vozes dos homens, masculas e robustas, casavam-se com as vozes plangentes e lagrimosas das mulheres, com a angelica e translucida pureza do cantico das virgens e com o balbuciamiento cristalino dos mil gorgeios infantis.

Encheu-se o templo e começou o sermão. O tecto da igreja era o ceo azul. As dalmaticas do clero e os estandartes dos peregrinos, tecidos a prata, bordados a oiro, dardejavam frementes. O pregador falava de ao pé d'um altar provisório de madeira, coberto a damascos. Dezenas e dezenas de borboletas brancas volitavam sobre a multidão ajoelhada, sobre a cruz do sacrario e sobre a theologia do prégador.

Pobre turba illudida e fanaticas, que não via que o tecto do verdadeiro templo era o azul lá de cima, o azul radiante, o

azul sem nodoa e sem limites. Não viam que o infinito não cabe n'um sarcophago de pedra, e que ha mais Deos e mais revelação na aza livre d'uma «borboleta ou no gorgείο alado d'uma cotovia que em muitos d'esses dogmas incompreensíveis e sinistros, bandada lobrega de morcegos, entrecrocando-se ás escuras n'um pesadello tumular.

Não viam que o Evangelho interpretado pela consciencia á clara luz do sol, é bem mais divino que interpretado por um bonzo á luz remelosa d'uma lampada.

Não viam que o catolicismo d'hoje é apenas a exploração da moral de Christo pela imoralidade de Roma, da candura d'um santo pela doblez d'um jesuita, e que, se essa religião de morte e nihilismo lhes dava ainda um consolo e uma esperança, nada d'isso era d'ella, mas de Jesus, o martir sublime, cujo cadaver a Igreja transformou em taboleta hipocrita para o seu commercio sepulcral.

Oh, sim! Christo é da Igreja, como o prisioneiro é da enxovia. Não mora na Igreja; não é a Igreja a sua casa, é o seu carcere. E singularidade extravagante: a victima fortalece o algoz, o encarcerado mantém o carcere de pé! O dominio da Igreja não deriva, na essência, nem das baionetas, nem do oiro, nem das armas com que os governos a defendem, nem das riquezas com que os opulentos a assoldam. Os tronos e os cofres fortes subvencionam a Igreja, para que a Igreja mantenha o povo escravizado. Consideram Deos como um policia e as sacristias como prolongamento dos quartéis.

Mas de que artes se utiliza a Igreja para dominar o povo? Apenas do embuste e da ignorancia? Não. Serve-se também da doutrina de Christo e da sua infinita força espirital. Ensina o Evangelho aos humildes,

para que obedeçam caladamente aos potentados e aos tiranos. Prega-lhes o amor ao soffrimento, a misericórdia, o sacrificio, a resignação. Quer fazei-os santos, incapazes de rebeldia e de violencia. É, pois, o espirito de Jesus quem leva ainda á Igreja esses exercitos ardentes de corações tão puros e tão nobres.

A Igreja vive, na verdade, da sombra de cristianismo que tem dentro. Mas é um cristianismo sacrilego, porque realisa o bem em proveito do mal, porque converte Jesus, o amigo dos pobres e plebeus, em guarda nocturno mercenario de aristocratas e de banqueiros.

A ruina da Igreja vem de duas causas: tornou-se incompativel com a intelligencia, pelo dogma, e com a moral, pelos seus actos. Ora uma instituição, irracional na auctoridade e degradada na conducta, deveria ser, logicamente, uma instituição já morta e sem valor. E não o é. Porquê? Porque a esses elementos perniciosos junta uma força viva creadora, a doutrina de Christo, embora envolta em erros que a amesquinham, e dirigida a fins que lhe são contrarios.

Dentro do absurdo do dogma já os espiritos cultos difficilmente se equilibram. Entre a razão e o dogma não ha accordo possível. Mas sabios eminentes, por vezes ainda, são catholicos. Penetra-os e vence-os um resto do aroma divino que a Igreja guarda no seu calix. Que importa o dogma? Vivificam-no, dão-lhe outra alma, outro sentido. A Igreja opõe-se? É lastimável. Mas nem assim descreem, nem assim a abandonam. Sacrificam a razão theorica á razão pratica, a verdade incerta, e efemera da intelligencia nua á verdade mais intima e espontanea, á verdade profunda, que é a verdade emotiva e religiosa do coração e da consciência.

Mas essa antinomia, que afasta da Igreja um sem numero de espiritos, e que mais

ou menos inquieta os raros que, apesar d'ella, conservam a fé, pode dizer-se que não existe para as imensas multidões ignorantes, arrastando, com atrazo de séculos, uma obscura vida intellectual.

Para taes almas, quando boas e cândidas, a voz da Igreja é seductora. Fala-lhes ainda, um pouco, na lingua magica de Christo. E as almas religiosas vão direitas a Christo, como as aves ao ninho e as borboletas á luz. O perigo é o bom senso irónico do povo, quando se não casa a moral do sermão com a moral do sacerdote. Quem respeitará a lascivia pregando castidade, a gula pregando abstinencia, e a fome de lucro e de grandezas pregando ceo e resignação?

Por isso a Igreja se não destroe, perseguindo-a, arrancando-lhe o oiro das arcas, os aneis dos dedos, os brocados do corpo. Nos dias sublimes e longinquos da sua infancia maravilhosa, rota, sem pão, descalça, viveu em antros, gemeu nas galés, os tigres morderam-na, varou-a o ferro, queimou-a o fogo, trezentos anos a perseguiram, milhões de vezes a crucificaram, e, das continuas mortes da sua carne, ergueu-se, ileso e luminoso, a sua immortalidade espiritual. E quando mais tarde, dominadora e deslumbrante, no trono de Cesar, foi a rainha unica do mundo, para quebrar-lhe a omnipotencia, bastou a voz d'um monge solitario.

A dor eleva, a dor exalta, a dor divinisa. O cristianismo gerou-o a dor, nasceu, escorrendo sangue, n'uma cruz. A purpura da Igreja é a lepra da Igreja, o seu fausto o seu crime, o seu oiro a sua morte. Quanto mais pobre e mais humilde, mais victoriosa e mais robusta.

Também se não destroe a Igreja, destruindo Jesus. O cristianismo é universal e é eterno, imanente á vida. Houve cristãos sem conta antes de Christo, e depois da morte de Christo já muitos Christos tem

vivido. Cada santo que surge é um Christo novo que aparece. E todo o homem, apenas se eleva a um certo grau de moralidade, torna-se por esse facto, e sem baptismo, um christão verdadeiro. Christo é filho do Espirito divino, porque é filho do ideal humano sublimado, e este é o reflexo directo do Espirito de Deos.

Negar o christianismo implica, pois, uma loucura monstruosa: negar Deos. Muitos o negam verbalmente, e a elle se encaminham pela virtude e pelo esforço. E outros, que se julgam intimos de Deos, nem de longe o conhecem, porque a todo o momento o estão negando nos seus actos, embora o affirmem nas palavras, loucas umas vezes, outras vezes hipocritas.

Deos é a infinita perfeição, porque é Amor Infinito, sentindo e vencendo a infinita dor. Os mais amorosos são que mais

se lhe chegam, e os mais egoistas os mais afastados e os mais impios.

Só destruiremos o catolicismo, roubando Christo á Igreja, o Golgota ao Vaticano, o Evangelho ao Sillabus. Só o destruiremos, opondo ao seu Christo, encarcerado e torturado, um Christo liberto e universal, um Christo unificador da vida inteira, que logicamente harmonise coração e razão, ciencia e crença, espirito e materia, natureza e Deos.

Só destruiremos as religiões, com uma nova religião e um novo altar. Os deuses morrem, mas Deos é eterno, por essencia.

Não basta, para vencer a Igreja, secularisar a escola. Só a exterminaremos, secularizando o christianismo. A escola sem Deos é o infinito sem rumo, é o universo morto e decapitado.

GUERRA JUNOUËIRO.

COALISÕES

Porto: 18, Jan., 910.

Meu caro Almeida:

QUANDO lhe prometti enviar, para o primeiro numero da *Alma Nacional*, um artigo sobre a política exterior do nosso paiz, não contava que surgisse incidente algum que me demovesse do proposito, e julguei que elle não seria de todo intempestivo. Verifiquei que me tinha enganado n'essas duas previsões. Verifiquei — note — desgostoso, por ficar, assim, inesperadamente excluido da vanguarda na lucta que a sua revista vae abrir contra a monarchia de Bragança. Mas, ao contemplar no espirito a situação

cahotica que os crimes da realleza prepararam e que a cumplicidade de quasi toda a nação ameaça tornar insolúvel, um erro em que, mais d'uma vez, partidarios nossos têm cahido, e em que de novo podem incorrer, veio proporcionar-me occasião de cumprir o promettido, e de evitar, talvez, uma reincidencia perigosa. Alludo ás coalisões de republicanos com os partidos, ou grupos quaesquer de partidarios do regimen.

A política exterior de Portugal é, sem duvida, um assumpto absorvente, e da mais flagrante actualidade. Não menos opportuno, nem menos interessante é, porém, o que a contemplação da terrível crise por que a sociedade portugueza está

8A L M A N A C I O N A L

Ignoram acaso os chefes republicanos que, quanto mais formalismo legal acompanhar os erros e os abusos do poder, mais difficil se torna o extirpal-os? Não repararam ainda que é, em grande parte, essa habil manobra de representação parlamentar e de reformas democraticas dentro e por iniciativa dos regimens subsistentes que, na Hespanha e na Italia por exemplo, tem quebrado a energia dos partidos populares? E se foi este o resultado final attingido em povos de fibra combatente melhor temperada que a nossa, mais facilmente se alcançaria elle em Portugal, onde a passividade do povo exaspera os homens de mais glacial temperamento. Depois, se para derrubar uma dictadura occasional da monarchia, o partido republicano carecia de se alliar a qualquer dos partidos que a sustentam, de que soccorros não virá então a precisar para demolir a instituição da realza? Na verdade, uma tactica d'essas affigura-se-me timidez e extravagancia.

Mas supponhamos que o partido republicano não se limitava a protestos, e que deliberava proseguir na resistencia até debellar de todo uma dictadura que os tivesse provocado. Seguir-se-ha que uma coalisão com monarchicos fosse absolutamente imprescindivel? Qual obstaculo impedia um movimento paralelo no ataque, mas independente no commando? Não possue o partido republicano os seus chefes, quero dizer, um Directório? Não deve já ter, n'estas alturas, o seu programma de governo e uma linha autónoma de conducta? A que viria, pois, essa ideia desgraçada de se repartir a suprema chefatura com ambiciosos despeitados? Não equivalia esse procedimento a insinuar no espirito publico a suspeita de que não temos capacidade para dirigir as nossas forças e interesses? Onde é que se viu um partido que, ha já dezenove annos, aspi-

rou a ser governo, e que ainda aspira a sel-o na primeira conjunctura favorável, exauctorar-se de tal modo perante a opinião do paiz e do estrangeiro? E' simplesmente extraordinário! Se, para uma simples campanha de resistência política precisávamos d'um *magister*, é evidente que para a direcção dos negócios complexos d'uma nação a desabar, nem o classico Mentor nos bastaria. Ser-nos-hiam precisos sete, cada um para a sua pasta. Quanto a nós..., serviríamos para continuos, para secretários d'elles quando muito.

Ha mais ainda: n'uma coalisão, se a lealdade e o bom senso a inspiram, é obvio que os coalisados têm direito a retirar somma igual ou equivalente de vantagens. E sel-o-hiam as que, do seu eventual triumpho, viessem a recolher republicanos e monarchicos? Não, com certeza; e todavia, se os segundos dispunham, para garantir aquelle exito, das influencias que o exercicio do poder confere sempre, os primeiros contribuiam, para a consecução do mesmo fim, com o enthusiasmo e a fé das multidões, sem os quaes nada seria possivel alcançar, e de que elles sós possuem hoje, em Portugal, o precioso segredo. Que resultado, com effeito, ficaria d'aquelle triumpho ao partido republicano? Assegurar aos seus representantes no parlamento e nos municípios, suppondo-os attingidos pelos golpes do poder, as posições adquiridas; nada mais. E o resultado colhido pelos monarchicos, graças a uma popularidade passageira e emprestada, qual seria? Não só rehavere, como nós, as posições já conquistadas, mas o de constituirem governo desde logo, ou em praso breve, de forma a tudo. . . continuar como até ahi, senão peor. Porque esses comediantes despreziveis, esses impudentes histriões, que seriam immensamente grotescos se não fossem tão

perigosos, não trepidariam em reeditar no poder, no dia seguinte ao da victoria, a mesma *ominosa* dictadura que, na vespera, tanto lhes incendera as iras theatraes. A mesma precisamente—repere V.—e precisamente contra nós.

É esta certeza irrefragavel, esta certeza mathematica que imprimiria á coalisao a sua phisionomia culminante—a de ser fundamentalmente imbecil e immoral. Não ha pretexto, motivo, considerando, por mais justo, por mais serio, por mais sagrado na apparencia, que leve o partido republicano a associar-se com qualquer dos partidos ou grupos realengos. Entre uns e outros traçou o destino, como a varinha da feiticeira, a risca fatidica da lenda, que vem desde o *ultimatum* até á recente dictadura. E mal irá áquelles republicanos que se abalancem a transpol-a, se n'este .paiz restam forças e vontade para se lançar ousadamente no caminho do futuro! Os collapsos de memoria são talvez desculpaveis n'um povo, mas exauctoram por completo o homem publico quando a graves successos se refiram. Ouça, e diga-me se é possível esquecer e perdoar este rosario de proezas:

Foram os progressistas que fugiram em 11 de janeiro de 1890 á responsabilidade do conflicto que a sua inépcia e a sua perfidia provocaram; foram os progressistas que recusaram cooperar, em abril seguinte, na lucta do partido republicano contra os decretos da dictadura Serpa-Lopo Vaz; foram os progressistas e os regeneradores, mancommunados, que, sob o rotulo João Chrysostomo, subscreveram no *Modus-vivendi* a derrota de Portugal; foram regeneradores e progressistas que, sob a firma Lopo-Marianno, illudiram a promessa d'amnistia total aos revoltosos do Porto; foram os progressistas que promoveram o desastre da companhia Norte e Leste, que nos trouxe a intervenção dis-

farçada dos francezes em negocios essencialmente interiores; foram os regeneradores que assignaram o tratado de 20 d'Agosto, e fizeram, para impor á nação essa ignominia, a já citada dictadura do mesmo anno de 90; foram os regeneradores que se declararam, um pouco mais tarde, em segunda dictadura, a do engrandecimento do poder real, com o fim expresso de contrapor ás reivindicações nacionaes a vontade absoluta de D. Carlos; foram os regeneradores que deram ás congregações religiosas o direito de cidade; foram os regeneradores que consignaram ao serviço da divida externa a receita geral aduaneira; foram os regeneradores, aliliados aos progressistas orthodoxos, que, sob a taboleta João Franco, impelliram D. Carlos para terceira dictadura e para a carabina do Buiça; n'uma palavra, foram regeneradores e progressistas, por consequência os dissidentes dos dois bandos, que promoveram, ou ajudaram a promover a derrocada financeira, económica e moral que nos obsedia agora o entendimento e nos preoccupa o coração. Como ha de então conceber-se que o partido republicano se lembre de se colligar a estes contra aquelles, sob pretexto de liberdade, de patria, ou qualquer outro com que se intente justificar esse hybrido connubio? Aos olhos de gente que não possui o sentimento nem do direito nem de patria, que importancia podem revestir questões de patriotismo e de liberdade? E se os factos demonstram que essa carencia de nobres intuitos é completa em todos elles, que sinceridade pode haver, da sua parte, n'uma coalisção com partidarios irreductiveis da republica?

Quanto mais reflecto n'esse proceder extranho, não provavel mas possível, d'uma fracção do partido democratico, mais me convenço de que os seus propugnadores e apologistas ou não quereriam revolução,

ou, a quererem, intentariam interessar n'ella quaesquer dissidentes dos dois partidos rotativos. Olhada a questão sob este aspecto, muitos dirão que seria essa uma estratégia audaciosa, reveladora de vistas largas e d'um grande tacto politico; visto como, subtrahindo á monarchia uma parte da força que a sustenta actualmente, o plano teria a inestimavel vantagem de robustecer, em proporção igual, o partido republicano. N'outros termos: não querendo, ou julgando que não convinha apoiar um movimento revolucionario nos elementos genuinamente democraticos, isto é, nos elementos historicos ou d'acquisição pos-

terior ao 31 de janeiro, que se juntaram aos primeiros sem condições nem compromissos, essa fracção de partidarios nossos entenderia que era indispensavel apoial-o n'algum dos grupos de partidarios do regimen. Suppondo ser essa a ideia que presidia á combinação imaginada, vejamos se d'ahi derivariam as vantagens antevistas, ou não resultariam, antes, uma confusão e anarchia interior que seria forçoso dominar por uma segunda revolução, mais implacavel e sangrenta que a primeira.

(Continua}

BAZILIO TELLES.

Alma Nacional

Como se sabe já, a ideia que presidiu á fundação d'esta revista foi mais de fazer uma larga e salutar propaganda de Portugal no estrangeiro do que propriamente a de crear um órgão de combate fronteiras a dentro.

N'esse intuito resolveu o seu director, e assim o annunciou, dar, mal as tiragens da *Alma Nacional* o permitissem, duas edições especiaes, uma em inglez, outra em francez.

Assim se fará e como a *Alma Nacional*, mesmo antes de apparecer, tem despertado sympathias que são animadoras e creado amigos que são prestantissimos, julgamos não commetter uma ingenua precipitação annunciando para breves semanas a edição ingleza, que é, como se sabe, attendendo ás nossas relações com a poderosa nação britannica, a que mais importa e mais urgente se torna.

Essa edição, inserindo uma grande parte da litteratura da edição portugueza, será todavia differente em harmonia com o fim especial que tem em mira.

Escusado será affirmar que, embora estejamos convencidos de que a Inglaterra, a respeito de certos capitulos ao menos, conhece melhor a

nossa vida do que nós próprios, jamais na edição destinada áquelle paiz, como na franceza de resto, se publicará uma phrase ou uma palavra que possa significar já não diremos offensa, mas desdouro para a patria portugueza.

Por vezes, em família, é costume permittirmo-nos desabafos, atirando para cima do paiz culpas que elle não tem.

Quem escreve estas linhas, cheio de uma esperança inabalavel no futuro da sua patria e tendo uma confiança illimitada nos destinos da sua raça, nunca seguiu esses processos. Mas alguns espiritos, e dos melhores, que os acontecimentos tornaram pessimistas, mais de uma vez, nos momentos amargurados da sua decepção, teem, como dizia Eça de Queiroz, malhado em cima do paiz, como quem malha em centeio verde. No dia seguinte emendam a mão e o amuo com a patria, por ella se não revoltar, é logo substituido por um accrescimo de amor á mesma patria que tanto tem soffrido.

Esses espiritos não será fácil que frequentem, na sua phase de desalento e scepticismo, as columnas da *Alma Nacional*. Mas se algum, por circumstancias especiaes, houver de excepcionalmente por cá passar, a sua voz não fará grande mal, porque não se ouvirá para lá das fronteiras.

Avelino Callixto.

Morreu em Coimbra este cathedratico de direito, figura extranha e pitoresca que nos evocava toda a vida lendaria da velha Universidade. Era o ultimo contemporaneo das edades extinctas. Coevo da batina comprida e da volta ecclesiastica, era a derradeira testemunha d'essas epochas semi-barbaras da arruaça, da mocada e da esturdia. Vel-o, ouvil-o, tacteal-o, era travar conhecimento com o velho verdial symbolico, com o grau dado aos caloiros, com o canellão da porta-ferrea e com esse regimen scientifico que obrigava o estudante, na phrase de Camillo, a armazenar, nos camarins da memoria, o lixo e a graxa das sebatas de semelhantes mestres.

Era um personagem do *Palito Metrico*, auctoritario e praxista, que um engano do tempo desovou nas incertezas iconoclastas da epocha actual.

Espirito tão militarão que se vestia, na sua quinta da Cumiada, com fardas de official, ora d'esta ora d'aquella arma, levava tudo, — discipulos, theorias, sciencia, — a vozes de cominando e a toques de caixa. Mas era leal e cavalheiroso. Não tinha espirito de perseguição e conhecemos da sua vida acções generosas que honram a sua memoria. Era mesmo um bom homem, o Callixto.

Mas a sua acção foi perniciosa. D'um espiritalismo incomprehensivel e nebuloso, as suas prelecções na Universidade eram baforadas de rhetorica a que resistia o cerebro academico, como resiste o arbusto ao vento damninho que o sopra, — curvando-se. Auctoritario, impondo o respeito idolatra do mestre, contribuiu para que se vergasse muita espinha, e se snobisasse muito espirito. Estragava a intelligencia e o sentimento dos seus alumnos. A primeira porque a desnor-teava, o segundo porque o amachucava.

Na marcha da velha barça da Minerva coimbrã, elle nunca dispensou o seu lugar á sirga, para... puchar para traz. D'elle efectivamente se pôde -fazer esta synthese, que tem a justeza d'um epitaphio: morreu um homem bom que se fartou de fazer coisas más.

Almas de espécie diferente...

A *Independencia* d'Agueda. dizia num dos seus ultimos numeros quealguem, — quemdiabo seria? — extranhou que eu, que no comicio de

Braga, declarara nunca encontrar a alma nos cadaveres que dissecara, fosse agora pôr a este jornal o nome de *Alma Nacional*.

D'esse discurso, em Braga, que parece ter impressionado, visto que tanto a elle se teem referido, resultou para mim o conhecimento de quanto valem os processos de certos adversarios.

D'essa oração ha um extracto official que veiu publicado nos jornaes republicanos, e que satisfez plenamente, — e como tal tem sido citado até por gazetas monarchicas — á liberdade da consciencia de Portugal. Pois os jornaes clericaes nunca se referiram a tal extracto e para me atacarem servem-se de outros que elles proprios fizeram nos seus órgãos! É sempre interessante, embora já velho, este processo de combater. De resto, na propria diversidade dos ataques que me dirigiram se viu, na occasião, a justeza dos seus intuitos. Um jornal de Lisboa dizia que eu era uma sereia com quem era preciso cuidado; outro do Norte exclamava que eu era um bandido que se devia combater; naturalmente appareceu outro do centro do paiz e disse que eu era uma cavalgadura de quem era preciso fugir! Seja tudo pelo amor de Deus!

Ora eu não disse o que me attribuem no comicio de Braga; disse uma coisa diversa que os reaccionarios não quizeram comprehender. Que estúpido argumento seria aquelle de não encontrar a alma nos cadáveres!... Também lá se não encontra o pensamento, a vontade, o amor, o heroísmo, e elles existem. Também lá se não encontram as pulsações do coração e não ha ninguém que em vida as não tenha sentido. Seria o mesmo que ir, sobre a pedra da autopsia, procurar no cerebro de Loyolla ou de Torquemada, os pensamentos de crueldade e furor religioso que lá se geraram.

Já um dia me attribuiram ter dito, n'um comicio, que eu queria um regimen social tão perfeito que n'elle todos os homens fossem iguaes *até pelo cerebro e pelo coração*.

Estão vendo: o cérebro do juiz de instrucção criminal, que descobriu a scena dos balandraus, igual ao de Newton que descobriu as leis da gravitação. E a respeito de corações, imaginem o de um soldado da Municipal, depois de jantar, de espingarda á cara, atirando sobre a *canalha*, e o de S. Francisco d'Assiz, cheio de fome, de rosario nas mãos, chamando irmãos aos lobos e aos tigres...

Isto d'alma, pensamento religioso, consciencia christã é coisa que fica para mais tarde. Por agora peço á *Independencia* d'Agueda. que se

tem ahi á mão portador para levar um recado ao homem, clérigo ou leigo, que lançou a objecção, lhe mande dizer que a Alma Nacional de que este jornal é um dos ecos e um dos interpretes, não é a alma theologica em dia com a Igreja, nascida entre latins, vivendo entre incensos, baptisada pelo sr. Vigario, protegida pelo sr. Patriarcha e tendo jus, na hora de se libertar dos terrenos envulucros, á benção do Papa pelos tios.

É outra coisa, felizmente.

Ricardo Malheiro

A *Alma Nacional* esteve de lucto antes de nascer. A morte de Ricardo Malheiro penalizou-a com amargura. Effectivamente o homem illustre ha dias fallecido foi um grande amigo do director d'esta folha e seria um inapreciavel collaborador da «Alma Nacional», se a morte tão inesperadamente o não tivesse prostrado.

Malheiro era um homem inteligente, sisudo, grave e d'uma austeridade que chegava a ser modelar. O seu espirito, no entretanto, era vivo, e dir-se-hia que a severidade do seu character era um molde que elle proprio forjara para conter as exuberancias do seu temperamento.

D'ahi resultou que, sendo pontual e exacto, jamais foi cruel e tyrannico. Pelo contrario, o fundo do seu character era de uma bondade antiga e por isso nunca a sua disciplina se tornou pezada nem o seu mando subjugou ninguém.

Republicano avançado, da escola revolucionaria, foi sempre fiel ao credo da sua mocidade. Tinha pela Republica uma paixão sagrada, que nem sempre se exteriorisava, porque Malheiro vivia recondito na sua torre ideal, como um velho castellão a quem as luctas interessavam, mas que raro vinha a campo manejar o pezado montante. Mas a sua crença nos destinos da democracia era inabalavel, a sua fé no futuro de Portugal indestructivel.

Nos ultimos tempos soffria bastante, e, marchando com a cabeça encovada entre os hombros realçados, n'um passo pastoso e difficil, tinha o aspecto de uma tartaruga mutilada, arrastando-se na areia.

O seu espirito, todavia, conservava o vigor, o brilho e a viçosa frescura dos vinte e cinco annos. Era de sangue, era de raça. O irmão, o alferes Malheiro, deu á revolta do Porto a feição gentil da audacia militar e da nobreza civil. Os lampejos da sua espada de rebelde brilharam ha 19 annos, e não se apagaram mais. Este, o

Ricardo Malheiro, não amou menos a Republica nem a serviu com menos desinteresse. Era digno do outro e ambos dignos d'esta patria, que bate as azas quasi decepadas, para fugir ao ergastulo em que a prendem.

O seu enterro foi civil e á beira da campa fallou com eloquencia e com sentimento o padre Sá e Oliveira. Perguntamos quem elle era e responderam-nos que era amigo particular de Malheiro e um homem de bem. A segunda parte era escusada, porque Malheiro não acceitava no seu convivio intimo quem não fosse um cavalheiro perfeito. Mas a lição de tolerancia que o sr. padre Sá e Oliveira deu aos energumenos d'este paiz, indo dizer o ultimo adeus a quem se enterrava civilmente, é um exemplo que fica. Se Malheiro podesse, na vida de alem túmulo, ter conhecimento d'esse nobre acto, ler-se-hia desvanecido, nos preceitos de sua solida intransigencia, de haver sido amigo de semelhante padre.

Juizo de instrucção criminal.

Ha dias o «Seculo», sob o titulo *Rendimento chorudo*, deu uma noticia de sensação. Na primeira quinzena do mez corrente entrou nos cofres da repartição da policia administrativa a quantia de 1:126S000 réis, arrancada ás pobres creaturas que alli teem o seu nome registado, pobres farrapos humanos, lamentavel detricto social, que são a nodoa da civilisação contemporanea bem mais pela infamia de quem as explora do que pelo vicio corrosivo que as mina. D'essa quantia, producto de alvaras, multas e extorsões de toda a ordem, coube ao juizo de instrucção criminal a verba de 146S380 réis! A gente olha para isto e não quer acreditar. O orgão supremo da investigação policial em Portugal, o grande fiscal da ordem, da paz, da segurança, da moralidade sociaes, com poderes mais latos do que um csar, e uma ^{influencia} mais dura do que a d'um chefe de horda africana, recebe, em quinze dias, para **ajuda** do seu sustento e seu regalo, 116S380 réis, arrancados por elle proprio, com alcavallas e multas que elle mesmo applica e sobre as quaes superintende, á mais triste desgraça humana, áquella infeliz, tragica desgraça em que a mulher deixa de sêr a doce creatura da nossa especie, para ser o objecto de vicio, que outro vicio maior procura, explora e espanca.

Esta questão é complexa e envolve um dos mais graves problemas moraes da nossa terra. A «Alma Nacional» ha-de tratá-la com desen-

volvimento e mostrar as suas connexões com o espirito reaccionario e jesuitico de Portugal.

Botto Machado já em tempos, na *Vanguarda*, com notavel energia, fez d'este assumpto um estendal pavoroso. A sociedade, porém, nada lucrou com isso, limitando-se a critica a dizer que Botto Machado prejudicou a sua campanha

com excessos de sensibilidade. Em compensação para o juízo de instrucção criminal não ha sensibilidade que o impeça de estender a palma da mão ás placas que as desgraçadas apuram, real a real, nas suas noitadas de vicio. E é depois com essa mão que elle vae, dentro dos seus lares, prender a *malta, republicana....*

Opiniões e depoimentos

Caça aos republicanos

Tem sido furiosa a batida aos homens suspeitos de pertencerem a associações secretas. É estupendo o que se tem passado e mais extraordinário ainda que uma cidade como Lisboa consinta os seus destinos á mercê do juiz de instrucção criminal e do agente Branco, os dois protagonistas do baixo drama que se tem representado nos aljubes da policia.

O juiz é um possesso furibundo que chega a perder a responsabilidade contorcido nas espiraes da sua allucinação. O agente Branco é uma creatura sinistra, operando a frio, exercendo com calma e com methodo a perseguição, a tortura, o embuste e o ardil.

Da combinação dos dois resulta a alliança tragica da perfidia e do mal. Só com uma differença: o agente é esperto com a finura calculada dos criminosos e o juiz é impetuoso, com a impetuosidade cega dos desequilibrados.

Tanto peor.

O agente, que é subalterno, prepara com habilidade e proficiencia a tenaz em que a victima ha de espernear. O juiz furioso, derrancado, com um velo de sangue a empanar-lhe os olhos, aperta o instrumento e executa a tortura.

E é com estas duas figuras que se conta para arranjar victimas que desempenhem o papel de regicidas!

...Ora, na verdade não se sabe onde a loucura é maior, se no paço, no ministério, ou no juizo de instrucção criminal...

A reunião republicana do dia 30

Foi de uma eloquencia severa, sem espalhafatos nem excessos desbordantes, a assembleia magna que o partido republicano realizou em 30 do mez passado.

Correligionarios de todos os pontos do paiz, alguns com evidente sacrificio, acorreram a Lisboa, dando uma prova de amor

pela causa e dedicação pelos principios que foi, na conjunctura, do mais alto significado político.

D'essa reunião resultou, no final, o estabelecimento claro e firme de uma norma de conducta, que ha de, em breve, dar os seus fructos, ampliando o prestigio do partido republicano e assignalando-lhe um vigoroso destaque no conflicto entre a Nação e o regimen.

Os leitores já conhecem pela imprensa diaria as conclusões a que se chegou e os trabalhos que se delinearam. Não é preciso, pois, fazer aqui uma exposição que seria enfadonha, sem proveito nenhum.

Bastar-nos-ha dizer que mais importante do que todos os trabalhos, todos os discursos e todas as moções foi a concórdia e harmonia que ligou os homens, unindo-os para as luctas que estão proximas e para os sacrificios que não veem longe.

São claros os signaes do tempo e só os ingenuos se poderão illudir. Asperos dias vão surgir na sociedade portugueza, que reaccionarios da peor especie dirigem e governam; e, para lhes resistir, não se torna apenas preciso o esforço de cada um, mas urge que se mantenha a união de todos. Pois todos estão unidos.

Verdadeiramente no partido republicano nunca houve desinteligencias, e, se algumas vezes parecia, mais aos extranhos do que a nós, que alguns dos seus homens se não entendiam bem, isso era mais devido a contrastes de methodos e a differenças de processos do que propriamente a desharmonia de feitiços pessoaes.

Agora tudo está bem. Meia duzia de palavras trocadas entre combatentes igual-

mente esforçados desfez ligeiras nuvens, que não chegavam a escurecer o horizonte, mas preocupavam algum tanto o povo republicano sempre alvoroçado na sua fervorosa paixão patriótica. E uma larga discussão de processos e uma vasta explanação de doutrina, como é próprio dos partidos democraticos, orientou os espiritos de maneira tal que, espontaneamente e sem esforço, aos olhos do partido se antolhou o caminho a seguir tão largo e luminoso que por elle cabem, numa marcha methodica, regular e cerrada, todos os republicanos desde os mais arrebatados de temperamento, aos mais moderados de intuitos. O caminho, pois, que se vae seguir é só um e por elle seguiremos todos.

Eloquente e soberba foi na sua sobriedade austera a reunião do dia 30. Saudemol-a como um grande acto e não lhe tiremos a magestade e a imponencia com futeis palavras declamatorias.

Agenda politica da semana

Cá por dentro

Elles

Dia 31 de janeiro. — Na reunião do centro regenerador da rua do Laranjal, no Porto, varios influentes aclamam Campos Henriques como chefe... do partido.

Dia 1 de fevereiro. — A folha official publicou os despachos de exoneração dos juizes auxiliares de instrucção criminal Moraes Sarmento e Sampaio.

— Continuam as perseguições por causa da tal *rede* das associações secretas.

— Dizem dos Arcos, Taboão, que existe, ha cinco annos, creada uma escola para o sexo feminino; desde a criação da escola, existe a mobilia; ha *quatrocentas* creanças em idade escolar. Falta a professora. E, comtudo, ha muitas professoras com o seu diploma official que o governo não colloca nem á mão de Deus Padre.

— Uma senhora de Oliveirad'Azemeis mandou resar missa por alma do rei Carlos. Assistiram sete pessoas, segundo se diz n'uma correspondência para a *Pátria*.

— Tambem na Sé de Lisboa se realisaram exequias commemorativas da morte do rei Carlos. Assistiu a Liga Monarchica, o regimento de infantaria 5, a policia secreta e... pouco mais.

Nós

Dia 30 de janeiro. — Reuniram: o Gremio Republicano de Lisboa, Mocidade Republicana,

a Comissão Republicana de Vialonga, e o Gremio Recreativo da Mocidade Republicana do Bomfim, Porto.

Dia 31. — Conferencias commemorativas da revolução do Porto, no *Centro Alferes Molheiro* por Bernárdino Machado, no *Centro João Chagas* por João Chagas, no *Centro Republicano das Mercês*, por Eugenio Vieira em substituição de Alexandre Braga, que se encontrava doente, no *Gremio Republicano federal*, falando differentes oradores, no *Centro Republicano de Santa Isabel* por José Barbosa.

— Commemoração das victimas de 31 de janeiro, no Prado do Repouso, no Porto. O nosso correigionario padre Manuel Guimarães disse a missa do costume.

— Reuniu o *Centro Escolar Andrade Neves*.

— Festa commemorativa do anniversario da *Escola 31 de janeiro*. Discurso de Magalhães Lima. Foi distribuido um *lunch* aos alumnos.

— Almoço offerecido pelo *Centro Eleitoral Democratico de Lisboa* aos membros do actual e anterior Directorio, deputados e vereadores republicanos, e todos os convidados para a grande reunião republicana do dia 30.

— Kermesse no *Centro Republicano de Massarelos*, em favor do cofre do mesmo centro.

Dia 1 de fevereiro. — Reunião no *Centro Democrático d'Instrucção Dr. Alves da Veiga*.

Dia 2. — Reuniram: o *Grupo União da Mocidade Democratica Intransigente* e o *Centro Escolar Republicam de Santos*.

Lá por fora

Dia 30 de janeiro. — Diz-se que a Republica Argentina augmenta sensivelmente as suas forças navaes.

— Em Banohara, Russia, produziram-se perturbações sangrentas, suscitadas por estudantes.

— O sr. Clemenceau manteve a sua demissão do partido radical.

Dia 31. — Foi organizado o novo ministerio hellenico. Entre os novos ministros, os unicos deputados são o ministro do reino, Dragaumis e o da fazenda, Ranafs Tpoulos.

Dia 1 de fevereiro. — Ficou reconstituído o novo gabinete dinamarquez, sob a presidencia de Know; assumiu a pasta dos estrangeiros, Irgens.

Dia 3. — Foi encerrada a sessão da camara dos deputados gregos.

— Falleceu em Roma o sr. Miguel Dantas, embaixador de Portugal, junto da Santa Sé.

Observações e analyses

E' sempre opportuno fazer conhecidos factos que significam progresso moral e social, embora isto, n'um meio arredo, como o nosso, equiva-lha, as mais das vezes, a pregar no deserto.

Vamos hoje, n'um ligeiro relance, falar da

obra social das mulheres francezas, protegendo-se mutuamente, tornando, como as inglezas, inutil a *esmola*, com um methodo pratico que assegura ao trabalho uma remuneração sufficiente, mas idealizando-o com essa frescura e encanto d'alma, innatos na raça latina, essa discreção recolhida e intima, que é uma das formas da elegancia moral

Conseguiu esse resultado maravilhoso a eminente M.me Jules Siegfried, creando o *Centro do trabalho feminino*. Este centro, sito no boulevard des Capucines, está aberto das 10 horas da manhã ás 10 da noite, sob a direcção de M.elle Vignaud. Lá se reúnem as mulheres que vivem exclusivamente do seu trabalho e se encontram privadas d'um lar, por causa da morte ou apartamento da familia.

De todas as obras da assistencia social, nenhuma tem mais efficacia do que a d'estes *clubs* femininos, onde as operarias encontram um conforto moral em sociedade com mulheres de coração e de espirito culto que as ajudam a triumphar da vida.

A quantos perigos está exposta uma pobre rapariga e quanta virtude e heroismo é forçoso desenvolver para resistir ás tentações da rua e da miseria! Nas horas turvas da vida, a influencia d'uma palavra amiga pôde decidir, vencendo os maus conselhos do desanimo e da solidão. Pois todos os dias, n'uma grande sala mobilada com piano, estantes carregadas de livros e revistas, se reúne no *Centro do Trabalho feminino*, um enxame de raparigas, modistas e costureiras, com as quaes se misturam na maior simplicidade algumas intellectuaes. Alli se acotovelam as empregadas do Crédit Lyonnais, a artista que vive d'uma pintura mal remunerada, com preceptoras e com as habeis floristas da *Cooperativa*, a primeira cooperativa de produção — *A la fleur de -Paris* — rue des Petits-Champs — fundada por mademoiselle Stéphanie Bouvard. Emquanto que umas recolhem algumas migalhas de sciencia, aprendem outras as primeiras noções da emancipação social da mulher.

Sob a direcção liberal e intelligente do conselho de administração, todas podem conservar inteira liberdade de acção, de proceder, de convicção e de palavra. Elias, aliás, sentem-se bem independentes e nada lhes dá melhor o sentimento da propria liberdade individual do que pagar uma cotisação, por minima que seja. E no convívio das mulheres amaveis, distinctas, sorridentes,

que com ellas veem partilhar seus prazeres, produz-se instinctivamente um aperfeiçoamento no aceio e na linguagem das raparigas, ao mesmo tempo que se refinam pensamentos e sentimentos. Assim se estabelece pouco a pouco um laço de sympathia entre as associadas e as damas que por ellas se interessam o bastante para lhes consagrarem uma parte do seu tempo. Adquire-se o habito de contar os tédios e as penas. Se estão doentes ou fatigadas lá está o hospital d'Alphen Salvador e a *Casa Azul*, d'Onival-sur-mer, — casa de convalescença e de repouso, obra pessoal de M.me Siegfried, nora da fundadora do Centro do Trabalho feminino,—onde encontram azilo e conforto, consultas medicas gratuitas e medicamentos por preços muito módicos. E'tão bem comprehendida esta organização tanto no ponto de vista do conforto material como no do progresso moral de seus membros, que estes tornam a encontrar um apoio e uma familia.

Pensemos agora na *Associação para repressão do Commercio das Brandis e para a guarda das raparigas*, ramificada por todo o mundo em secções internacionaes, e admiremos tambem os resultados praticos obtidos por M.me Jean Brunhes, que á sua fé de apostolo junta uma bella comprehensão pratica das condições da vida operaria. Mercêdassuas *Ligassociaes de compradores*, as mundanas pensarão nas consequências dos seus caprichos, quando mandem á ultima hora um vestuario para a operaria dar prompto no fim do serão, a despeito das leis e da Inspecção do Trabalho.

Por fim, temos a obra cheia de nobreza das damas visitadoras, da *Mutualidade Maternal*, com sede na rue des Petits Champs, 39, e que todos os annos arrancam á morte tantas creanças de mama! Na secção de Clignancourt, M.me Desprez interpreta n'um sentido tão lato e nobre os regulamentos da *Mutualidade Maternal*, que dá acolhimento a todas as maternidades, encobertas ou não, sem recear subir ás mansardas das suas protegidas, para lhes levar soccorros e trabalho !...

Entretanto, por cima de todas, paira a recordação de Emilia de Morsier, que ousou sonhar o impossível e vir buscar algumas perdidas nos regos da rua.

E bello, não é verdade?

E tudo isto sem jesuitas, nem irmãos de caridade, nem falsa aristocracia, nem falsa devoção...

A ALMA NACIONAL publica-se ás quintas feiras. O seu preço, por assinatura para Portugal e Hespanha é de 600 e 1\$200 réis, por series de 12 e 24 numeros. O numero avulso custa 50 réis.

No Brazil a assignatura só se aceita por series de 24 numeros ao preço de 7\$200 réis (moeda fraca). O numero avulso custa 300 réis (moeda fraca).

Todas as assignaturas são pagas adeantadamente

Á venda nos logares do costume. Aceitam-se agentes onde ainda os não houver.

Toda a correspondência deve ser, conforme o seu assumpto, dirigida á Redacção ou á Administração da ALMA NACIONAL, que se encontram abertas, todos os dias úteis, da 1 ás 6 e das 9 ás 11 horas da noite, na Rua da Emenda, 36, rez do chão.